

22/1/1985

CAMPO

Usineiros devem abrir mão de parte da renda, diz empresário

Por Wanda Jorge

De São Paulo

Se não houver uma investigação séria no sentido de resolver as causas das greves que vêm ocorrendo com os trabalhadores volantes da cana-de-açúcar, o problema sempre voltará. A intransigência dos usineiros apenas alimenta a situação de conflito; eles precisam tomar consciência de que devem abrir mão de parte da renda pelo benefício social.

Afirmações como estas fazem parte da análise que o fornecedor Roberto Rodrigues, diretor da Organização dos Plantadores de Cana de Guariba, faz das greves que vêm ocorrendo na região. Ele diferencia o conflito do ano passado, em que as paralisações surgiram de forma quase espontânea, em sua opinião, ainda que com base em causas concretas, como o aumento das contas de água da Sabesp e a mudança no sistema de colheita — de cinco para sete ruas, em prejuízo do colhedor —, tendo como pano de fundo o arrocho salarial e a fome. A greve deste mês na região de Guariba, diz Rodrigues, foi “eminentemente política, demorou cinco dias para que os trabalhadores apresentassem uma pauta de reivindicações com treze itens”, mas as causas maiores persistam.

Roberto Rodrigues defende o debate com seriedade das origens destes conflitos sociais, sob pena “de se estar gerando uma verdadeira luta de classes” no País. Segundo ele, é necessário inverter o processo implantado pelas usinas, de concentrar a colheita da cana-de-açúcar nos quatro meses — junho a setembro — em que é maior o teor de sacarose, o que maximiza os ganhos e, ao mesmo tempo, gera migração de mão-de-obra concentrada num período para provocar, em seguida, o desemprego. Rodrigues diz que plenamente viável — em pelo menos dois anos — o usineiro ampliar a safra para estabilizar a oferta de emprego e deter a migração. Seriam oito meses de colheita, mais três meses de plantio e um mês de tratamentos culturais, o que garante ocupação plena da mão-de-obra empregada nos canaviais.

Existiriam muitas outras opções para o usineiro proporcionar uma estabilidade de salário e emprego ao trabalhador, como a redução do uso de herbicidas e o plantio de alimentos nas áreas de renovação. O governo, por seu lado, Rodrigues diz que teria de se encarregar de criar condições de trabalho nas regiões exportadoras de mão de-obra para os canaviais paulistas, como Minas Gerais e Nordeste, além de melhorar as condições de vida na periferia dos municípios produtores. Atitudes como distribuição de cestas de alimentos e salários-desemprego, na opinião de Rodrigues, mais distorcem as relações de trabalho que contribuem para a melhora de vida dos volantes.

(Página 6)